



e-Working Paper N.º 2

Parentalidade
nas
Famílias Contemporâneas

MARGARIDA MESQUITA



RESUMO:

As mudanças ocorridas, nos últimos séculos, nas sociedades ocidentais, em geral, e nas famílias, em particular, suscitaram profundas mudanças na parentalidade. O crescente interesse pelas crianças suscitou novas e complexas exigências nos papéis parentais ao mesmo tempo que a crescente integração das mulheres no mercado de trabalho veio desenvolver novos contextos na articulação das esferas profissional e familiar. Em relação às mães, tradicionais prestadoras de cuidados às crianças, espera-se que se envolvam, também, na esfera do trabalho. E dos pais, tradicionalmente mais centrados na esfera profissional, reclama-se um maior envolvimento na parentalidade. Tendo em conta as exigências, em tempo e energia, de ambas as esferas, a do trabalho e a da parentalidade, muitos pais e mães, embora satisfeitos consigo próprios e com o par, sentem-se frustrados, por não se envolverem tanto quanto gostariam na parentalidade, e stressados no desempenho desse seu papel, como demonstrou um estudo realizado numa amostra de 200 mães e 158 pais de crianças em idade pré-escolar.

Introdução

As profundas mudanças que vêm ocorrendo, nos últimos séculos, nas sociedades ocidentais, em geral, e nas famílias, em particular¹, têm tido importantes impactos na parentalidade, colocando novos desafios aos progenitores nessa função já de si extremamente exigente

Na sociedade cresceu o interesse pelas questões da infância e na família as crianças têm assumido uma maior centralidade (Ariès (1973): 1981). O que se traduziu na assunção dos papéis parentais como gratificantes, do ponto de vista pessoal, e muito valorizados, do ponto de vista social.

¹ Sobre esta temática recomenda-se as leituras de Gimeno (2003), Segalen (1999), Saraceno & Naldini (2003), e Torres, Mendes & Lapa (2006), entre outras.

Essas mudanças foram, no entanto, acompanhadas de novas visões e práticas que simultaneamente complexificaram o desempenho dos papéis parentais e o condicionaram.

As novas visões, sugerem modelos de pais e mães igualmente e consideravelmente envolvidos na parentalidade.

As novas práticas, revelam pais e mães cujo envolvimento no trabalho os desafia a conciliar esferas condicionando o exercício da parentalidade.

Contemporaneamente, espera-se que as mães, tradicionais prestadoras de cuidados às crianças, se envolvam, também, na esfera do trabalho². E dos pais, tradicionalmente mais centrados na esfera profissional, reclama-se o seu maior envolvimento na parentalidade³. Pais e mães enfrentam, por isso, o desafio de procurar conciliar duas esferas em que no passado lhes eram acometidas diferentes responsabilidades: trabalho e parentalidade.

Neste contexto parece pertinente questionarmo-nos sobre a gratificação dos progenitores com a parentalidade e sobre o modo como estão a enfrentar os desafios concernentes ao envolvimento na mesma e à conciliação de esferas. Estarão satisfeitos? Não poderão as exigências de envolvimento suscitar sentimentos de frustração? Estará ou não a necessidade de conciliação de esferas a suscitar stress no desempenho dos papéis parentais?

Portugal é dos países que melhor ilustra a tendência europeia, apesar das diferenças entre países, para uma crescente integração das mulheres no mercado de trabalho, em carreiras contínuas e a tempo inteiro. Podendo, por isso, o estudo da realidade portuguesa contribuir para uma melhor percepção sobre o modo como pais e mães

² Sobre a crescente integração das mulheres no mercado de trabalho veja-se, entre outras obras, Le Feuvre (2005) e Torres (2004).

³ Veja-se a respeito White (1994).

trabalhadores enfrentam o desafio de se envolverem na esfera parental e saber até que ponto são condicionados no seu desempenho pelo facto de trabalharem.

Com base num projecto de doutoramento, intitulado “Parentalidade(s) nas famílias nucleares contemporâneas com crianças em idade pré-escolar”, serão apresentados de seguida alguns resultados de um inquérito por questionário a 200 mães e 158 pais, todos eles portugueses a trabalhar a tempo inteiro e com filhos integrados em Jardins de Infância da rede pública do concelho da Amadora no ano lectivo de 2008/2009 .

1. Pais e mães satisfeitos

A satisfação parental foi entendida no estudo como o sentimento de bem-estar, que resulta da realização do que se espera ou deseja sobre a parentalidade, e que se baseia numa avaliação subjectiva e pessoal sobre o êxito do desempenho do próprio e do par, tanto em termos absolutos como relativos, e sobre a relação de co-parentalidade⁴. Com base nesse entendimento, consideraram-se como principais dimensões da satisfação: a auto-satisfação (absoluta e relativa⁵); a hetero - satisfação⁶ (absoluta e relativa); e a satisfação relativa com a co-parentalidade.

O recurso a um Índice de Satisfação Relativa (ISR)⁷, que permitiu agrupar os progenitores segundo o grau de satisfação, veio indicar que a maioria dos inquiridos (67%) se encontrava no nível de maior satisfação, 11% no nível mediano e 22% no grupo dos menos satisfeitos.

⁴ Sobre este conceito poderá consultar-se, entre outros, Talbot e McHale (2004).

⁵ Por comparação com outras mães/pais.

⁶ Satisfação em relação ao outro membro do casal parental.

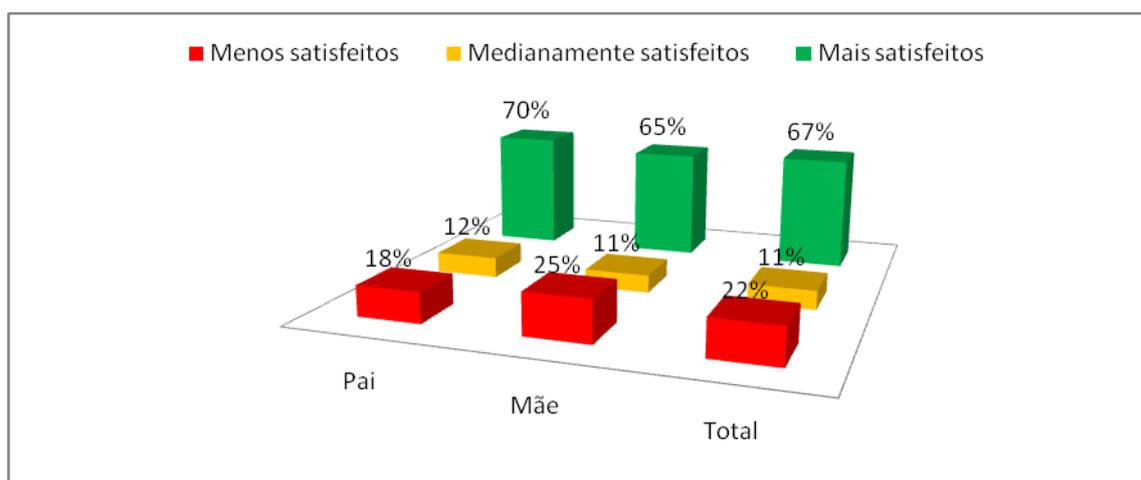
⁷ Este índice tem em conta as dimensões: (1) satisfação do próprio como pai/mãe (auto-satisfação absoluta); (2) satisfação do próprio como pai/mãe em comparação com outros progenitores do mesmo género (auto-satisfação relativa); (3) satisfação do próprio com o par parental (hetero-satisfação absoluta); (4) satisfação do próprio com o par por comparação dos mesmos com outros do mesmo género (hetero-satisfação relativa); (5) satisfação com a co-parentalidade por comparação com a relação entre outros casais parentais; (6) satisfação com o modo como consegue conciliar a sua vida familiar com o trabalho; (7) satisfação com a solução de cuidados para o filho; (8) satisfação com a ajuda da família nos cuidados ao filho.

Em geral os pais estão ligeiramente mais satisfeitos do que as mães. A proporção de pais nos grupos médio e alto de satisfação relativa é superior à das mães (82% para 75%) enquanto no de menor satisfação a situação se inverte (18% versus 25%).

Tabela 1 Distribuição dos progenitores segundo o grau de satisfação

GRAU DE SATISFAÇÃO	PROGENITOR					
	Pai		Mãe		Total	
	F	%	F	%	F	%
Menos satisfeitos	28	17,7	49	24,5	77	21,5
Medianamente satisfeitos	19	12,0	21	10,5	40	11,2
Mais satisfeitos	111	70,3	130	65,0	241	67,3
Total	158	100,0	200	100,0	358	100,0

Ilustração 1 Graus de satisfação dos progenitores



Em consonância com os resultados encontrados por outros autores⁸, no presente estudo verificou-se que, de um modo geral, os pais e mães se mostravam satisfeitos com o modo como eles próprios e o par se encontravam a exercer a parentalidade.

Quase todos os progenitores (97%) se consideram auto-satisfeitos, seja em termos absolutos seja em termos relativos. O mesmo acontecendo quando avaliam o

⁸ Como, por exemplo, Andrews et al. (2004) e Rogers & White (1998).

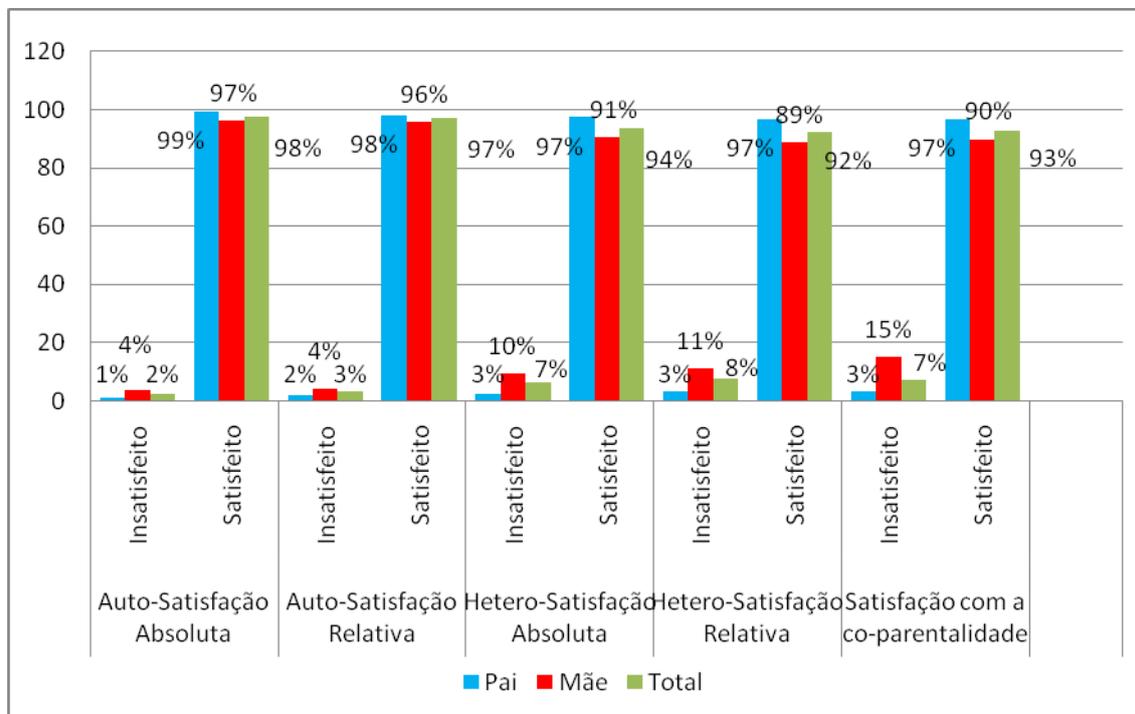
desempenho do par (mais de 91%) e a sua relação com o mesmo na parentalidade (93%).

Apesar da pouca expressão da insatisfação, as mães tendem a estar mais insatisfeitas consigo, com o par e com a relação de co-parentalidade .

Tabela 2 Distribuição dos progenitores segundo o tipo de satisfação

		PAI		MÃE		TOTAL	
		F	%	F	%	F	%
Auto-Satisfação Absoluta	Muito insatisfeito/ Insatisfeito	1	0,6	7	3,5	8	2,2
	Satisfeito/Muito satisfeito	157	99,4	192	96,5	349	97,8
	Total	158	100,0	199	100,0	357	100,0
Auto-Satisfação Relativa	Muito insatisfeito/ Insatisfeito	3	1,9	8	4,0	11	3,1
	Satisfeito/Muito satisfeito	155	98,1	191	96,0	346	97,0
	Total	158	100,0	199	100,0	357	100,0
Hetero-Satisfação Absoluta	Muito insatisfeito/ Insatisfeito	4	2,5	19	9,5	23	6,5
	Satisfeito/Muito satisfeito	153	97,4	180	90,5	333	93,5
	Total	157	100,0	199	100,0	356	100,0
Hetero-Satisfação Relativas	Muito insatisfeito/ insatisfeito	5	3,1	22	11,1	27	7,6
	Satisfeito/Muito Satisfeito	152	96,9	177	89,0	329	92,4
	Total	157	100,0	199	100,0	356	100,0
Satisfação com a co-parentalidade	Muito insatisfeito/ insatisfeito	5	3,1	21	15	26	7,3
	Satisfeito/Muito satisfeito	152	96,8	179	89,5	331	92,7
	Total	157	100,0	200	100,0	357	100,0

Ilustração 2 Tipos de satisfação



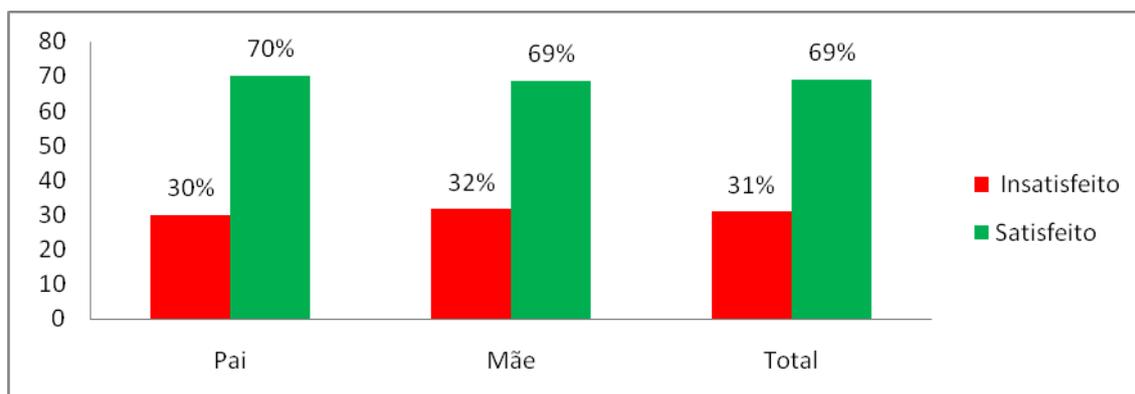
Tendo em conta que as mudanças atrás referidas vieram, entre outros aspectos, condicionar o desempenho dos papéis parentais por via da necessidade de conciliação do trabalho com a família, importava saber, também, se os progenitores se encontravam satisfeitos com o modo como estavam a enfrentar esse desafio.

Comparativamente com os outros aspectos, a satisfação com a conciliação do trabalho com a família não é tão generalizada, estando 31% insatisfeitos nessa matéria. E continuam a ser, em geral, as mães a estar (ligeiramente) mais insatisfeitas (31,6% versus 29,9%).

Tabela 3 Distribuição dos progenitores segundo a satisfação com a conciliação do trabalho com a família

SATISFAÇÃO COM A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA	PAI		MÃE		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%
Muito insatisfeito/ Insatisfeito	47	29,9	63	31,6	110	30,9
Satisfeito/Muito satisfeito	110	70,1	136	68,6	246	69,1
Total	157	100,0	199	100,0	356	100,0

Ilustração 3 Satisfação com a conciliação trabalho-família



2. Pais e mães frustrados

A parentalidade tende a ser vista como gratificante, do ponto de vista pessoal, e como muito valorizada, em termos sociais. Mas ela representa, também, o assumir de uma responsabilidade, quase completa, sobre o bem-estar das crianças, o que pode gerar ansiedade, culpa, decepção, incertezas e cansaço, tal como refere Relvas (2004).

Quando, como sucede nas sociedades ocidentais contemporâneas, os papéis parentais têm de ser conciliados com os de trabalhadores, as exigências de tempo e energia de ambos, podem conduzir a que embora satisfeitos, com eles próprios e com os seus

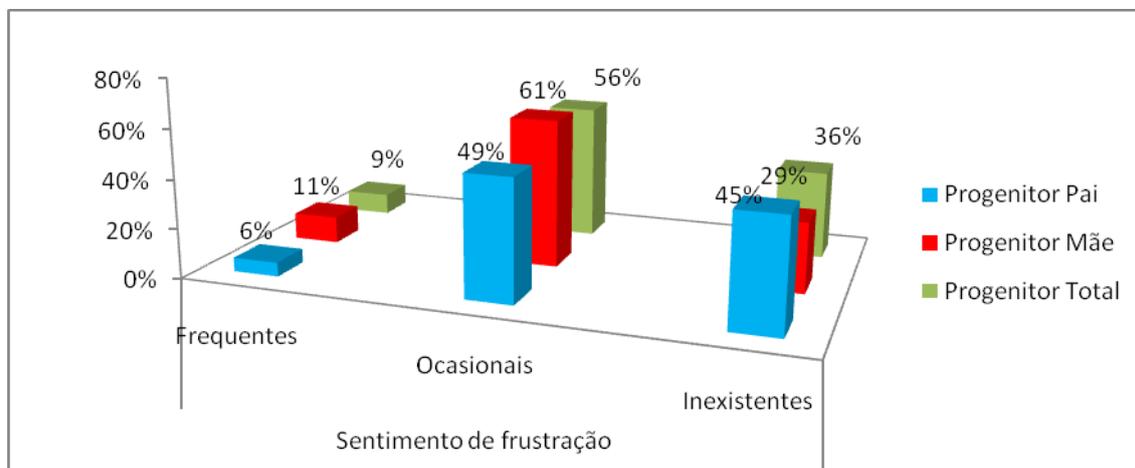
pares, pais e mães se sintam frustrados por não conseguirem envolver-se como gostariam na parentalidade, tal como sugerem os resultados do estudo realizado.

Embora mais esporádica do que frequentemente, a maioria (64.3%) dos pais e mães sente-se frustrada por não se envolver na parentalidade tanto quanto gostaria⁹.

Tabela 4 Distribuição dos progenitores segundo a frequência com que se sentem frustrados

SENTIMENTOS DE FRUSTRAÇÃO	PROGENITOR				TOTAL	
	Pai		Mãe		F	%
	F	%	F	%		
Frequentes	9	5,7	22	11,0	31	8,7
Ocasionais	78	49,4	121	60,5	199	55,6
Inexistentes	71	44,9	57	28,5	128	35,8
Total	158	100,0	200	100,0	358	100,0

Ilustração 4 Frequência da frustração



⁹ Para aferição desta dimensão, os progenitores eram convidados a escolher entre três afirmações a que melhor consideravam corresponder ao seu sentimento: “normalmente sinto-me bem porque faço tudo o que posso pelo meu filho”; “às vezes sinto-me frustrado(a) porque embora faça tudo o que posso pelo meu filho(a) sinto que não é o suficiente (queria estar mais tempo com ele(a), cuidar mais dele(a), acompanhá-lo (a) mais...)”; “frequentemente sinto-me frustrado(a) porque embora faça tudo o que posso pelo meu filho(a) sinto que não é o suficiente (queria estar mais tempo com ele(a), cuidar mais dele(a), acompanhá-lo (a) mais...)”.

A maioria dos progenitores sente ocasional (56%) ou frequentemente (9%) que não se envolve o suficiente na parentalidade. Logo, apenas 36% não se sentem frustrados a esse respeito.

Quiçá por a parentalidade ser um domínio que habitualmente estava particularmente acometido às mulheres, as mães da amostra em estudo sentem-se em geral particularmente frustradas já que são elas, mais do que os pais, que alguma vez se sentem frustradas (72% contra 55% de pais) e que experienciam mais frequentemente esse mesmo sentimento (11% sentem-se frequentemente frustradas o mesmo só ocorrendo com 6% dos pais).

Mas tendo em conta as mudanças ocorridas, no sentido de uma maior valorização do envolvimento dos pais na parentalidade, não pode deixar de assinalar-se que a maioria dos pais (55%) costuma sentir-se frustrada por não se envolver tanto com o filho como gostaria, ainda que só 6% se sintam frequentemente assim. Não se pode deixar de considerar relevantes estes resultados, sobretudo quando se sabe que alguns estudos¹⁰ sugerem que pode mesmo haver mais pais do que mães a sentir que não dispõem o tempo necessário com os filhos, apesar de essa situação parecer ter menos reflexos no seu bem-estar do que no das mães.

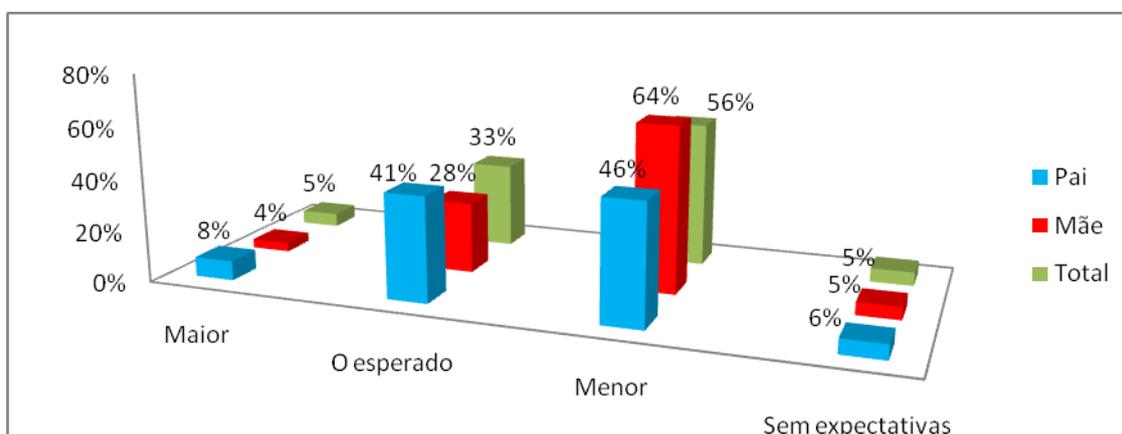
Os resultados mostraram, ainda, que a maioria dos progenitores (56%) tem menos tempo para o filho do que esperava antes de ter sido mãe/pai. No entanto, esta situação não é igualmente vivida por ambos os progenitores. Enquanto a maioria das mães (64%) se encontra nessa situação, a maioria dos pais (54%) ou não tinha expectativas, ou tem o tempo que esperava, ou tem, até, mais tempo disponível do que esperava.

¹⁰ Como o de Nomaguchi, Milkie, & Bianchi (2005).

Tabela 5 Distribuição dos progenitores segundo o tempo disponível para os filhos face às expectativas

TEMPO DISPONÍVEL PARA O FILHO FACE ÀS EXPECTATIVAS	PROGENITOR				TOTAL	
	Pai		Mãe			
	F	%	F	%	F	%
Maior	12	7,6	7	3,5	19	5,3
O esperado	64	40,5	55	27,5	119	33,2
Menor	73	46,2	128	64,0	201	56,1
Sem expectativas	9	5,7	10	5,0	19	5,3
Total	158	100,0	200	100,0	358	100,0

Ilustração 5 Tempo disponível para os filhos face às expectativas



3. Pais e mães stressados

Nas sociedades contemporâneas, a valorização simultânea de dedicação ao trabalho e de envolvimento na parentalidade conduz a uma competição, entre as esferas do trabalho e da parentalidade, pelos recursos físicos, psicológicos e de tempo dos indivíduos. Tratando-se de áreas que, habitualmente, se excluem mutuamente, a sua conciliação pode gerar stress.

Em Portugal, tal como constatou o estudo do ISSP (Guerreiro e Carvalho 2007), não só os valores de stress masculino são elevados como, no conjunto de países envolvidos¹¹, o stress feminino é dos mais elevados nos três índices analisados (stress familiar, stress profissional e stress no interface trabalho-família). O mesmo estudo constatou, ainda, que se verificava uma maior interferência do trabalho na família, do que da família no trabalho, e que, quer no caso dos homens quer no das mulheres, a existência de crianças, em particular menores de 5/6 anos, aumentava os índices de stress familiar e de influência do stress profissional na família.

No estudo realizado procurou-se aferir o stress provocado na parentalidade, por influência do trabalho, tendo em conta a frequência (frequentemente, raramente ou nunca) e o tipo (por pressão do tempo, stress físico e stress psicológico). O recurso a um Índice¹², permitiu agrupar os progenitores segundo diferentes graus de stress e verificar que a maioria (75%) se encontrava no grupo de mais alto nível de stress. Verificou-se, igualmente, que apenas 8% se encontravam no grupo de mais baixo stress. Embora com apenas uma ligeira diferença, a proporção de mães no grupo de mais elevado stress é superior à de pais (79% para 71%) e, pelo contrário, apenas 5% estão no grupo de mais baixo stress onde se encontram 13% dos pais.

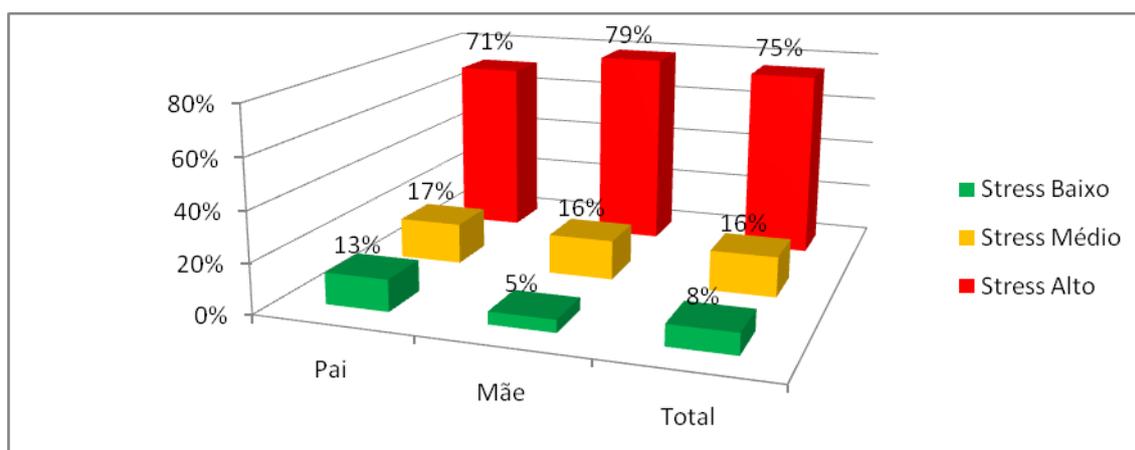
Tabela 6 Distribuição dos progenitores segundo os graus de stress

GRUPOS DE STRESS	PROGENITOR				TOTAL	
	Pai		Mãe		F	%
	F	%	F	%		
Baixo	20	12,7	10	5,0	30	8,4
Médio	26	16,5	32	16,0	58	16,2
Alto	112	70,9	158	79,0	270	75,4
Total	158	100,0	200	100,0	358	100,0

¹¹ Para além de Portugal foram estudados a Alemanha, a França, a Espanha, a Grã-Bretanha, a República Checa e a Suécia.

¹² Que teve em conta os três tipos de stress e ponderou a frequência em que cada um foi vivenciado no último ano.

Ilustração 6 Graus de stress

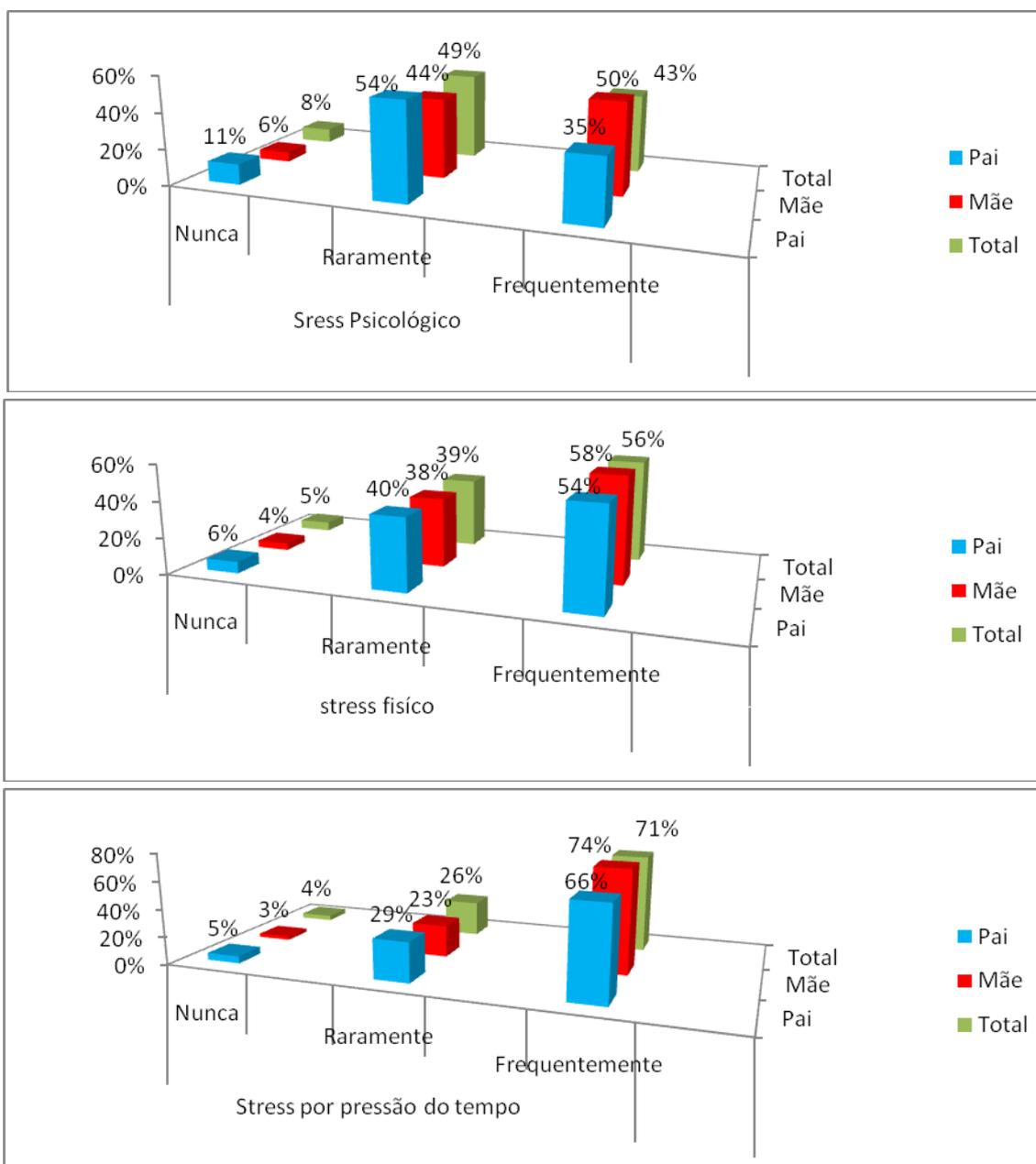


Os resultados mostraram, ainda, que os três tipos de stress foram sentidos no último ano pela maioria dos progenitores, embora o stress psicológico menos frequentemente.

Tabela 7 Distribuição dos progenitores segundo a frequência com que se sentem stressados

FREQUÊNCIA COM QUE SENTIU QUE O TRABALHO		PROGENITOR				TOTAL	
		Pai		Mãe			
		F	%	F	%	F	%
O deixava irritável e com pouca paciência quando estava com o filho	Nunca	18	11,4	11	5,5	29	8,1
	Raramente	85	53,8	88	44,2	173	48,5
	Frequentemente	55	34,8	100	50,3	155	43,4
	Total	158	100,0	199	100,0	357	100,0
Não lhe deixava tempo suficiente para cuidar do filho	Nunca	8	5,1	5	2,5	13	3,7
	Raramente	45	28,7	46	23,1	91	25,6
	Frequentemente	104	66,2	148	74,4	252	70,8
	Total	157	100,0	199	100,0	356	100,0
O deixava muito cansado para cuidar do filho	Nunca	10	6,4	8	4,0	18	5,1
	Raramente	62	39,5	76	38,2	138	38,8
	Frequentemente	85	54,1	115	57,8	200	56,2
	Total	157	100,0	199	100,0	356	100,0

Ilustração 7 Frequência de Stress



A maioria dos inquiridos (70,4%) sentiu frequentemente, no último ano, que o trabalho não lhe deixava tempo suficiente para cuidar do filho como gostaria, e só 3,6% nunca se sentiram assim. A maioria dos inquiridos (55,9%) sentiu, também, stress físico, isto é, que o trabalho o deixava frequentemente muito cansado para cuidar do filho e só 5,0% nunca sentiram isso no último ano.

O stress psicológico, isto é, os indivíduos sentirem que por causa do trabalho ficavam irritáveis e com pouca paciência para cuidar do filho, parece ter ocorrido menos frequentemente. Apenas 43,4% se sentiram frequentemente assim, enquanto a 48,3% raramente lhes aconteceu e 8,1% nunca se sentiram psicologicamente stressados.

Foram sobretudo as mães que sentiram frequentemente stress: pela pressão do tempo (74,4% para 66,2%), stress físico (57,8% para 54,1%) e sobretudo stress psicológico (a maioria, 50,3%, em comparação com uma minoria de pais, apenas 34,8%). Pelo contrário, foram sobretudo os pais que nunca sentiram stress: pela pressão do tempo (5,1% para 2,5%), stress físico (6,4% contra 4,0%) e, sobretudo, stress psicológico (11,4% contra 5,5%).

4. Explorando relações entre sentimentos

A questão que se colocava de partida era sobre como estariam os pais e mães a vivenciar a parentalidade, tendo em conta as novas exigências a ela associadas e o desafio de conciliação dessa esfera com a do trabalho. A breve exposição feita, deixa claro que quer os pais quer as mães estudados estão muito satisfeitos com eles próprios e com os seus pares, no que concerne à parentalidade, mesmo quando se comparam com outros progenitores do mesmo género. E que é, também, geral a satisfação com a relação co-parental. No entanto, tendem a sentir-se stressados e frustrados, com mais ou menos frequência, por não se envolverem na parentalidade tanto quanto consideram necessário.

Deste modo, os resultados sugerem que a maioria dos progenitores se confronta com uma ambivalência de sentimentos. Satisfação, eventualmente porque os filhos foram assumindo um lugar cada vez mais central nas famílias e resultando cada vez mais de uma opção dos indivíduos. Frustração e stress, talvez porque a parentalidade se foi tornando cada vez mais exigente e requerendo um efectivo envolvimento de ambos os progenitores quando se espera que invistam igualmente (?!) na sua vida profissional.

Com vista a uma melhor compreensão da parentalidade, importa explorar as possíveis inter-relações entre esses sentimentos.

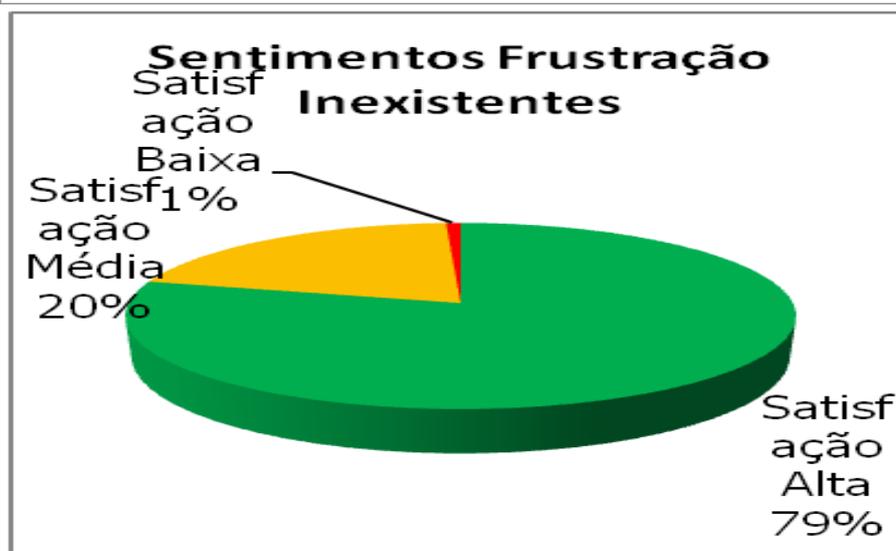
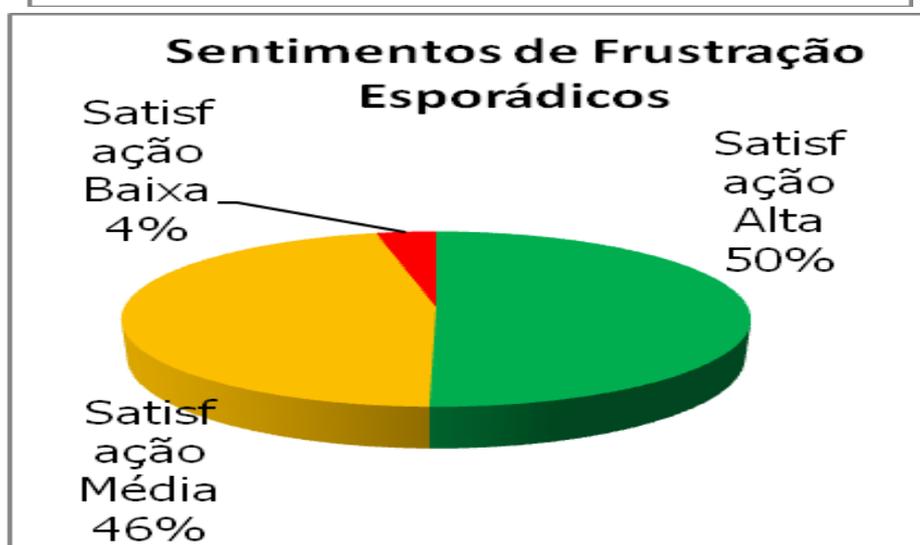
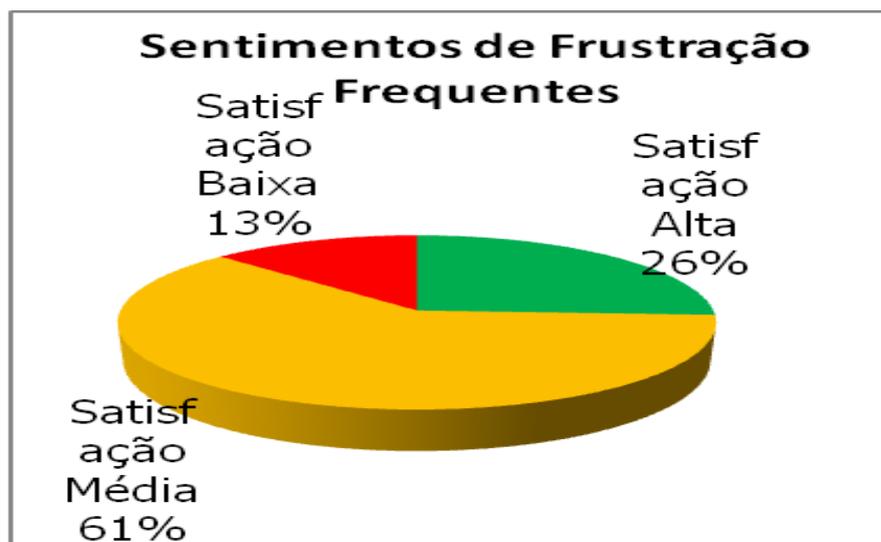
Uma primeira constatação sugere que níveis superiores de frustração e stress parecem estar associados a níveis menores de satisfação com a parentalidade. Embora a mera existência de sentimentos de frustração e stress possa não afectar a satisfação dos progenitores, a frequência do primeiro e o grau do segundo parece interferir positivamente com o nível de satisfação.

Com efeito, as proporções de progenitores com alta satisfação vão diminuindo à medida que se tornam mais frequentes os sentimentos de frustração. Estando a maioria dos que nunca se sentem frustrados (79%) altamente satisfeita, o que só acontece com metade dos que esporadicamente se sentem frustrados e uma minoria (26%) dos que frequentemente sentem que não se envolvem com os filhos tanto quanto gostariam.

Tabela 8 Distribuição dos progenitores segundo os graus de satisfação e a frequência da frustração

GRAUS SATISFAÇÃO RELATIVA	SENTIMENTOS DE FRUSTRAÇÃO						Total	
	Frequentes		Ocasionais		Inexistentes		F	%
	F	%	F	%	F	%		
Alta	8	3,8	100	47,8	101	48,3	209	100,0
		25,8		50,3		78,9		58,4
Médio	19	13,9	92	67,2	26	19,0	137	100,0
		61,3		46,2		20,3		38,3
Baixa	4	33,3	7	58,3	1	8,3	12	100,0
		12,9		3,5		0,8		3,4
Total	31	8,7	199	55,6	128	35,8	358	100,0
		100,0		100,0		100,0		100,0

Ilustração 8 Frequência da frustração e grau de satisfação



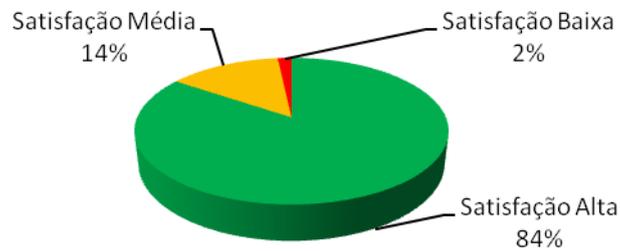
De igual modo, as proporções de progenitores com alta satisfação vão diminuindo à medida que os níveis de stress se tornam mais elevados. Estando a maioria dos que apresentam níveis de stress baixo (87%) e/ou médio (84%) altamente satisfeita, o que só acontece com metade dos que se sentem altamente stressados. No mesmo sentido, nenhum dos progenitores com baixo nível de stress se encontra no nível de mais baixa satisfação e apenas metade dos que se encontram no nível alto de stress estão integrados no nível de mais alta satisfação.

Tabela 9 Distribuição dos progenitores segundo os graus de satisfação e stress

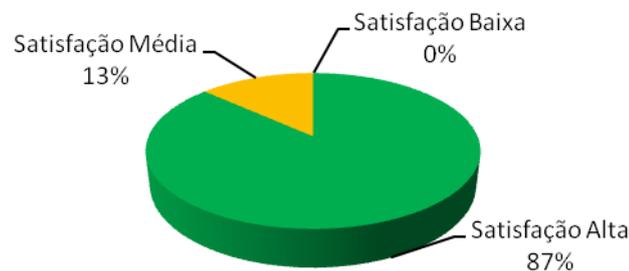
GRUPOS SATISFAÇÃO RELATIVA	GRUPOS STRESS						TOTAL	
	Baixo		Médio		Alto		F	%
	F	%	F	%	F	%		
Completamente Satisfeitos	26	86,7	49	84,5	134	49,6	209	58,4
Medianamente Satisfeitos	4	13,3	8	13,8	125	46,3	137	38,3
Menos Satisfeitos	0	0,0	1	1,7	11	4,1	12	3,4
Total	30	100,0	58	100,0	270	100,0	358	100,0

Ilustração 9 Stress e Satisfação

Stress Médio



Stress Baixo



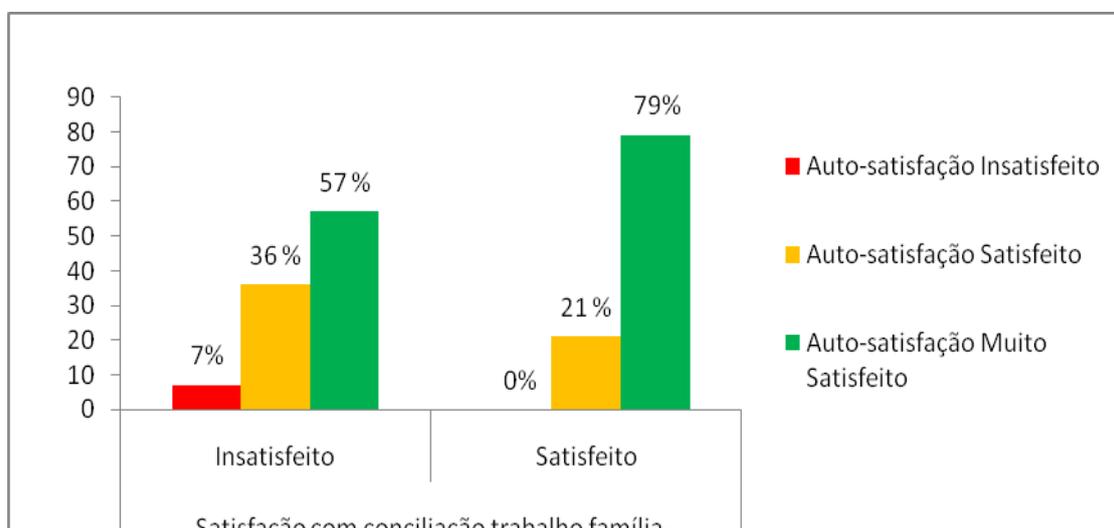
Uma segunda constatação é que uma maior satisfação com a conciliação trabalho-família parece estar associada a uma maior satisfação com a parentalidade e, pela inversa, a uma menor frustração e stress.

Com efeito, verificou-se, na amostra em estudo, que os poucos que estavam auto-insatisfeitos com a parentalidade não estavam satisfeitos com o modo como conciliavam trabalho-família. Pela inversa, dos que estavam satisfeitos com o modo conciliavam o trabalho com a família 79,3% estavam muito auto-satisfeitos, o que só ocorria com 57,3% dos que não se encontravam satisfeitos com aquela conciliação.

Tabela 10 Distribuição dos progenitores segundo a satisfação com a conciliação trabalho-família e os níveis de auto-satisfação

AUTO-SATISFAÇÃO	SATISFAÇÃO COM O MODO COMO CONSEGUE CONCILIAR TRABALHO E FAMÍLIA			
	Insatisfeito		Satisfeito	
	F	%	F	%
Insatisfeito	8	7,2	0	0,0
Satisfeito	39	35,5	51	20,7
Muito Satisfeito	63	57,3	195	79,3
	110	100,0	246	100,0

Ilustração 10 Satisfação com a conciliação trabalho-família e auto-satisfação

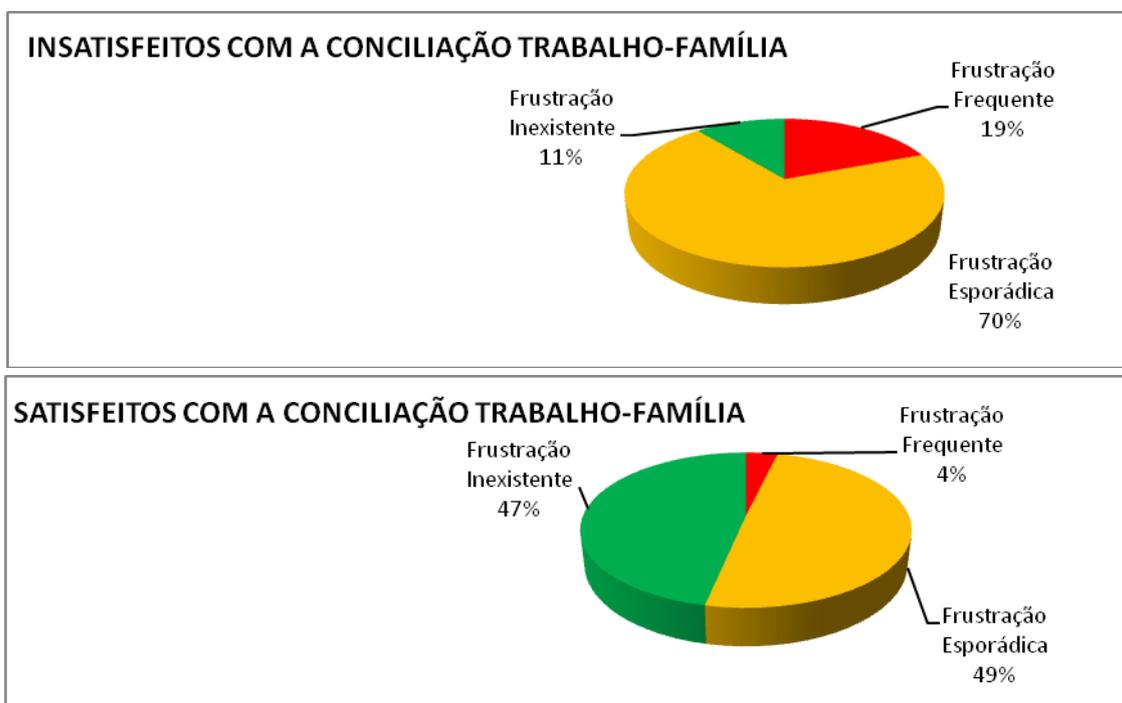


A satisfação com o modo como conseguem conciliar trabalho e família parece relacionar-se, também, com a frustração dos progenitores, por não se envolverem com os filhos tanto quanto gostariam. Os dados mostram que 47% dos que estão satisfeitos nessa matéria nunca sentem esta frustração e só 4% se sentem frequentemente frustrados. Pelo contrário, dos progenitores insatisfeitos com o modo como conseguem conciliar trabalho e família, apenas 11% nunca se sentem frustrados e 19% sentem frequentemente que não se envolvem com os filhos tanto quanto gostariam.

Tabela 11 Distribuição dos progenitores segundo a satisfação na conciliação e a frequência da frustração

SATISFAÇÃO COM A CONCILIAÇÃO TRABALHO E FAMÍLIA	SENTIMENTOS DE FRUSTRAÇÃO						TOTAL	
	Frequentes		Ocasionais		Inexistentes		F	%
	F	%	F	%	F	%		
Insatisfeitos	21	19,1	77	70	12	10,9	110	100,0
Satisfeitos	9	3,7	122	49,6	115	46,7	246	100,0
Total	30	8,4	199	55,9	127	36,7	356	100,0

Ilustração 11 Frequência da frustração e satisfação com a conciliação

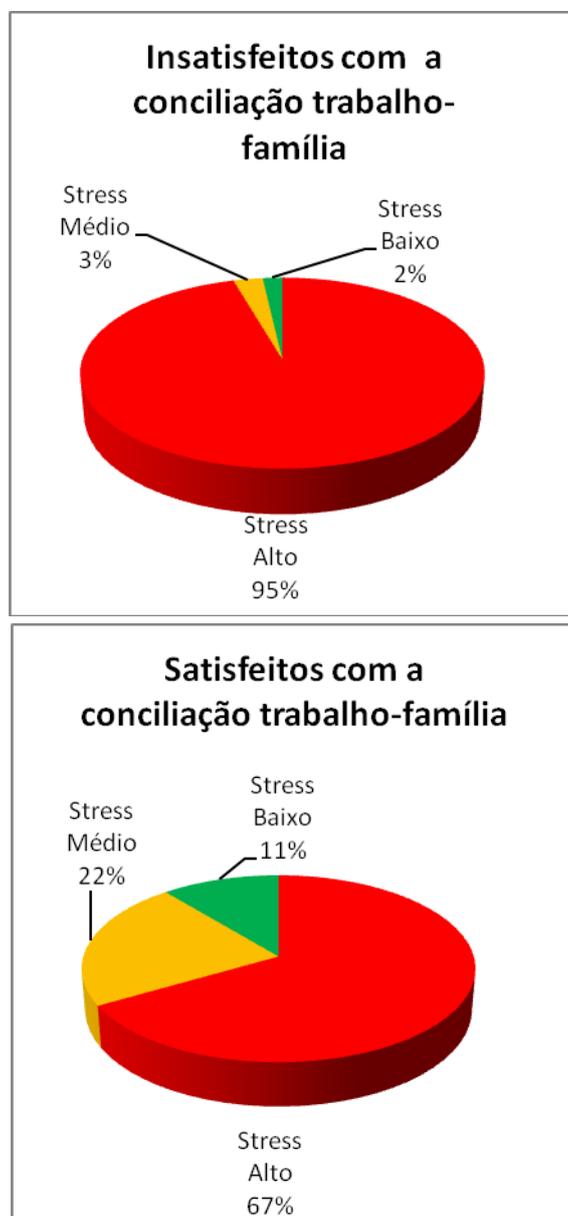


A (in) satisfação com o modo como os progenitores conseguem conciliar trabalho com família parece, também, ter alguma relação com o nível de stress. Com efeito, verifica-se que quase todos os progenitores insatisfeitos naquela área (95%) apresentam um alto nível de stress. Enquanto, apesar de a maioria (67%) dos que estão satisfeitos com o modo como conseguem essa conciliação ter um nível de stress elevado, 22% estão no nível médio e 11% no baixo.

Tabela 12 Distribuição dos progenitores segundo a satisfação com a conciliação e o grau de stress

SATISFAÇÃO COM A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA	GRUPOS DE STRESS						TOTAL	
	Alto		Médio		Baixo		F	%
	F	%	F	%	F	%		
Insatisfeitos	105	95,5	3	2,7	2	1,8	110	100,0
Satisfeitos	164	66,7	55	22,4	27	11,0	246	100,0
Total	269	75,6	58	16,3	29	8,1	356	100,0

Ilustração 12 Satisfação com a conciliação e stress



Nota conclusiva e pistas para investigação

A maioria dos progenitores está satisfeita com o seu desempenho e do par, na parentalidade, e, também, com a relação de co-parentalidade.

Embora mais esporádica do que frequentemente, a maioria dos progenitores tende a sentir-se frustrada, por considerar insuficiente o seu envolvimento na parentalidade e considerar que dispõe de menos tempo do que esperava para isso.

No último ano, a maioria dos progenitores sentiu-se frequentemente stressada na conciliação da esfera profissional com a parental. A maioria sentiu frequentemente stress por pressão do tempo e stress físico e muitos sentiram stress psicológico.

A grande conclusão a retirar é, por isso, que a maioria dos progenitores embora possa sentir-se esporadicamente frustrada e frequentemente stressada se considera satisfeita com a parentalidade.

É possível que seja a própria satisfação, sentida pelos progenitores, a reforçar os sentimentos de frustração, ao suscitar, nos pais e mães, o desejo de um maior investimento nesse seu papel. O que explicaria porque a maioria apesar de satisfeita diz ter menos tempo do que esperava para se envolver com o filho e refere sentir, pelo menos ocasionalmente, que não se envolve o suficiente. E, ainda, que o grau de satisfação tenda a diminuir com a frequência desse sentimento.

Sendo, também, de equacionar a hipótese de os progenitores poderem estar a ser complacentes na avaliação que fazem, quer do seu desempenho quer do desempenho do par. Podendo, nesta possibilidade, os resultados espelhar a ideia traduzida nas palavras de uma mãe: “Tenho de estar satisfeita comigo pois se tenho tantas dificuldades e as enfrento todos os dias só posso ser uma heroína”. Ou seja, é possível

que a avaliação que fazem do seu desempenho seja de maior satisfação justamente porque estão conscientes das suas frustrações e stress.

Além disso, não é de menosprezar o facto de a satisfação e os níveis de stress e frustração experimentados na parentalidade poderem ser afectados pela satisfação dos progenitores com o modo como conseguem conciliar trabalho e família. Com efeito, em termos muito gerais, parece poder dizer-se que a frustração, stress e satisfação estão associadas ao modo como os progenitores conseguem conciliar o trabalho com a família. Donde, quando os progenitores estão satisfeitos com o modo como conseguem conciliar o trabalho com a família estão, em geral, mais auto-satisfeitos com a parentalidade, menos frustrados e menos stressados.

Com efeito, o modo como é vivenciada a parentalidade parece depender de como os progenitores enfrentam o desafio de conciliação de esferas.

Além disso, comparativamente com os pais, no conjunto as mães estão menos satisfeitas, mais frustradas e stressadas¹³. Em termos práticos esta situação poderá resultar de uma efectiva maior sobrecarga das mães¹⁴. Contudo é de conceber, também, a possibilidade de essa diferença resultar apenas de diferenças de percepção entre homens e mulheres, eventualmente reforçada no caso das mães pelo facto de no passado a parentalidade ser uma responsabilidade que lhes era especialmente acometida.

Não obstante, não pode ignorar-se que as diferenças entre pais e mães são em várias dimensões muito ténues. Sendo, por isso, de realçar que muitos pais gostariam de se envolver mais na parentalidade e, tal como as mães, sentem-se stressados. Tal facto não só sugere a sua demarcação do modelo tradicional de divisão de trabalho social como parece indiciar um assumir dos novos valores sobre o papel do pai.

¹³ Sobre a questão das diferenças de satisfação entre homens e mulheres poderá ser útil a leitura de Twenge, Campbell & Foster (2003).

¹⁴ Tanto mais que vários estudos vêm sugerindo que na prática as responsabilidades continuam a não ser distribuídas de forma simétrica, estando as mulheres mais sobrecarregadas do que os homens. Veja-se, entre outros, os estudos de Craig (2006), Crompton & Lyonette (2007), Cruz (2003), Perista (2002), Torres (1997) e Wall & Amâncio (2007).

Valerá a pena, em futuros estudos, procurar apurar se as diferenças entre mães e pais, em termos de satisfação, frustração e stress, não escondem, para além dos aspectos quantitativos, dimensões qualitativamente diferentes, relacionadas com os resquícios do modelo segregacionista, no caso das mães, e com o modelo igualitarista, no caso dos pais. Serão, a este nível, as mulheres mais tradicionalistas em relação a elas próprias e os homens mais progressistas em relação a eles mesmos? Nesse caso, tendo em conta o modelo de divisão do trabalho social, importa procurar saber, em futuros estudos, se no caso dos casais parentais actuais (em que ambos trabalham e se espera estejam igualmente envolvidos na parentalidade) aqueles sentimentos são tão mais sentidos: pelos pais, quanto mais interiorizado estiver o modelo igualitarista; e pelas mães, quanto mais interiorizado estiver o modelo assimétrico.

Obras Citadas

- Andrews, Arlene Bowers, Irene Luckey, Errol Bolden, Judith Whiting-Fickling, e Katherine A. Lind. Public perceptions about father involvement." *Journal of Family Issues*, vol.25, nº5 de July de 2004: 603-633.
- Ariès, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Zahar Editores, (1973): 1981.
- Craig, Lyn. "Does father care mean fathers share?: A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children." *Gender & Society*, vol.20, nº2 de April de 2006: 259-281.
- Crompton, Rosemary, e Clare Lyonette. "Família, género e articulação entre trabalho e vida privada." In *Família e Género em Portugal e na Europa*, de Karin Wall e Lígia Amâncio, 93-128. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- Cruz, Sofia Alexandra. "O(s) trabalho(s) feminino(s): a omnipresença do trabalho doméstico e as responsabilidades familiares." *Cadernos de Ciências Sociais*, nº23 de Dezembro de 2003: Edições Afrontamento.
- Gimeno, Adelina. *A Família: o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- Guerreiro, Maria das Dores, e Helena Carvalho. "O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa." In *Família e Género em Portugal e na Europa*, de Karin Wall e Lígia Amâncio, 129-179. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2007.
- Le Feuvre, Nicky. "Trabalho e Emprego das mulheres na Europa." In *As mulheres na União Europeia: História, trabalho e emprego*, de Rede de Estudos das Mulheres, pp. 73- 167. Lisboa: Ed. Ela por Ela, 2005.
- Nomaguchi, Kei M., Melissa A. Milkie, e Suzanne M. Bianchi. "Time strains and psychological well-being: Do dual-earner mothers and fathers differ?" *Journal of Family Issues*, vol.26, nº6 de September de 2005: 756-792.
- Perista, Heloísa. "Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens." *Análise Social*, nº163 de vol.XXXVII de 2002: 447-474.
- Relvas, Ana Paula. *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- Rogers, Stacy J., e Lynn K. White. "Satisfaction with Parenting: The Role of Marital Happiness, Family Structure, and Parent's Gender." *Journal of Marriage and the Family* vol. 60, nº 2, May, 1998: 293-308.
- Saraceno, Chiara, e Manuela Naldini. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.
- Segalen, Martine. "A revolução industrial: do proletário ao burguês." In *História da Família: O ocidente: industrialização e urbanização*, de André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine SEGALIN e Françoise ZONABEND, 5-36. Lisboa: Terramar, 1999.
- Talbot, Jean A., e James P. McHale. "Individual Parental Adjustment Moderates the Relationship Between Marital Talk and Coparenting Quality." *Journal of Adult Development*, Vol 11, nº3, July, 2004: 191-205.
- Torres, Anália, Rita Mendes, e Tiago Lapa. "Famílias na Europa." In *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, de Jorge e TORRES, Anália VALA, 97-144. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- Torres, Anália. *Políticas Sociais, Soluções Socio-educativas e de guarda das crianças*.

Lisboa: CIES/ISCTE, 1997.

Torres, Anália. *Vida Conjugal e Trabalho*. Oeiras: Celta Editora, 2004.

Twenge, Jean M., W. Keith Campbell, e Craig A. Foster. "Parenthood and marital satisfaction: a meta-analytic review." *Journal of Marriage and Family*, Aug 2003; 65,3: 574-583.

Wall, Karin, e Lígia Amâncio. *Família e género em Portugal e na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

White, Naomi Rosh. "About fathers: masculinity and the social construction of fatherhood." *Journal of Sociology*, vol30,nº2 de August de 1994: 119-131.